

RANDALL C. BAILLEY, *David in Love and War. The Pursuit of Power in 2 Samuel 10-12* (Journal for the Study of the Old Testament, Supplement Series 75), Sheffield Academic Press, Sheffield 1990, 214, L 21.50/20.50 \$48.00/36.00 ISBN 0309-0787 ISBN 1-85075-209-5.

Lê-se com agrado esta (revista para publicação e nada massuda) dissertação, apresentada à Emory University, de Atlanta, Georgia, e dedicada «ao espírito dos investigadores bíblicos de origem africana» que precederam o Autor. O que se apresentou como uma hipótese de investigação histórica (a genealogia de Betsabé em 2 Sam 11,3) acabou por se desenrolar no âmbito da crítica literária, com consequências para o entendimento da composição de dois conjuntos historiográficos descortinados pelos modernos — a chamada História da Sucessão de David e a História Deuteronomista. Centrada num pólo importante da História da Sucessão (1 Sam 10-12: teatro de amor e de guerra em que nasceu o sucessor de David), a Obra tinha que questionar as bases da História da Sucessão de David, estabelecida há mais de sessenta anos pela *Habilitationsschrift* de Leonard Rost em Erlangen, *Die Überlieferung von der Thronnachfolge Davids* (publicada em 1926).

Apresentados os pilares da construção da «obra monumental» (p. 7) de Rost, o Autor faz uma análise exaustiva da recepção da teoria, com retoques dos apoiantes e críticas dos opositores (cap. 1). Percorrendo as quatro posições principais (limites da obra, unidade de composição, género e intenção, data e autor), chega-se à conclusão de que os «principais pormenores da teoria de Rost quanto a uma História da Sucessão (incluindo 2 Sam 6,16.20-23; 9-20 e 1 Re 1-2) coerente, unitária, historicamente fidedigna, composta nos tempos de Salomão e explicando como é que ele chegou ao trono foi ameaçada tanto por apoiantes como por detractores» (p. 30). A análise vai provar o mesmo.

O confronto de 2 Sam 10-12 com o resto da História da Sucessão (c. 2, pp. 33-49) faz ressaltar entre os dois conjuntos dissimilaridades temáticas e literárias, para além de problemas históricos. São narrativas da guerra amonita (10,1-11,1), de adultério e casamento de David com Betsabé e assassinio de Urias (11,27b-12,15a), história da morte do filho do adultério e nascimento de Salomão (12,15b-25), relato do fim das guerras amonitas (12,26-31). As diferenças temáticas e estilísticas com 2 Sam 2-4 e 13-20 e o facto de as alusões históricas de 2 Sam 10-12 suporem os acontecimentos descritos em 2 Sam 13-20 (não vice-versa) supõem «diferente origem dos materiais» (p. 40) e vão

«completamente contra a teoria de Rost de uma História da Sucessão unitária, com origem em mão contemporânea dos eventos» (*ibidem*).

Os materiais da Guerra Amonita são, por sua vez, uma edição dos historiadores deuteronomistas (Dtr), sem coerência nem dependência directa de arquivos históricos (cap. 3, pp. 51-81). Os deuteronomistas aproveitaram fontes (por ex., 2 Sam 10,2b-4, 16-18), mas acrescentaram de seu punho os elos redaccionais (neste caso, 2 Sam 10,1-2a.5-6, 2 Sam 10,6b-15 e a conclusão em 2 Sam 10,19). Até as narrativas da Guerra Amonita em 2 Sam 11,1 + 12,26-31 são «uma tradição completamente separada das narrativas do capítulo 10» (p. 80).

A análise dos complexos David-Betsabé, David-Urias, David-Natã e do relato de nascimento de Salomão (cap. 4, pp. 83-123), para além de evidenciar os contributos dos historiadores deuteronomistas, salienta o carácter político (e não primariamente sexual) da união e casamento de David com Betsabé. Se esta era neta de Aquitofel, que tinha passado a apoiar Absalão contra David (2 Sam 15,1), o casamento de David com a adúltera foi uma tentativa de cimentar os laços com as gentes de Hebron e do Sul *após a revolta* de Absalão (o texto actual inverte a ordem cronológica dos acontecimentos). Dados textuais, particularmente o uso dos verbos e a sintaxe, corroboram esta interpretação. «Se a argumentação colhe, o casamento de David com Betsabé deveria ser visto à mesma luz dos casamento com Mical, Abigail e Maaca» (p. 122).

As conclusões (cap. 5: «Summary and Conclusions», pp. 125-130) apontam não só o carácter compósito de 2 Sam 10-12 (guerra amonita: 10,19; casamento político de David com Betsabé: 11,2-27a; discurso profético; 11,27b-12,15; guerra amonita: 11,1 + 12,26-31) mas também a inconsistência da suposta História da Sucessão de David. «Antes da redacção final que deu forma à narrativa de David à luz de 2 Sam 10-12, a narrativa suposta hipoteticamente na teoria da História da Sucessão de Rost não existe» (pp. 129-130). Reforçada sai a hipótese da História Deuteronomista (detecta-se também em 2 Sam 10-12 a técnica dos discursos interpretativos), em que a teologia prevalece sobre a historiografia.

A clara elucidação da problemática literária é completada por uma excelente e actualizada Bibliografia (pp. 185-199), sobremaneira útil a quem não tenha acesso aos originais alemães (sempre que há versão inglesa, aponta-se).

Do estudo de Bailey sai reforçada a hipótese da História Deuteronomista lançada por M. Noth nos *Überlieferungsgeschichtliche Studien* de 1943. Nem se esperava algum abalo (as correcções

da escola de F.M. Cross — duas redacções em corte vertical — e da escola de Göttingen — três estratos horizontais combinados, DtrG ou DtrH, Dtr P, Dtr N — também não a abalam nem pretendem abalar), dado o arcaboço do travejamento cronológico e a solidez da análise estilística e teológica que se lhe conhece. A teoria do casamento político de David com Betsabé não deixa de ser interessante. Gostaria no entanto, de ver provas mais concludentes. Quanto à refutação da História da Sucessão de David, a argumentação parece mais consistente. Mas tratar-se-á de um *Requiem* pela teoria de Rost, longa e largamente acarinhada na investigação? Talvez. E talvez não. É que, a História da Sucessão de David, «a nível lato e de superfície da redacção final... tem potencial de aplicabilidade ao texto» (p. 31). E, se não é caso de «O rei morreu. Viva O rei!», podem detectar-se nos trechos atribuídos à História da Sucessão muitos traços de «iluminismo» (saio-mónico?)... relatos tão seculares de intriga e ambição política, com traição, espionagem e negócios de saias à mistura, que fazem perguntar pela ironia de Judeus e Cristãos considerarem tal literatura divinamente inspirada (Ed. Meyer).

José Nunes Carreira

JEAN VERCOUTTER, *L'Egypte et la vallée du Nil*, T, I: *Des origines à la fin de l'Ancien Empire*. Col. Nouvelle Clio, PUF, Paris, 1992, LI + 382 pp.

Este volume que aqui apresentamos está planificado para constituir o primeiro de três que versarão sobre a História do Egipto. Neles se pretende dar uma imagem actualizada dos dados provenientes das investigações feitas no terreno — escavações e prospecções efectuadas de 1960 a 1990 (p. II).

Apesar de não manter exactamente o esquema tradicional da colecção «Nouvelle Clio», as páginas III-LI constituem uma longa lista de bibliografias, velhas e novas, até à VIII dinastia, termo do Império Antigo.

A história da Egiptologia nas suas principais etapas, entre 1798 e os nossos dias, com as perspectivas de futuro que se oferecem para a mesma, são sintetizadas nas pp. 1-22, devendo-se sublinhar a síntese conclusiva de tarefas, vias e respectivas bibliografias essenciais (pp. 20-22).

O capítulo II trata do ambiente e das fontes materiais de uma civilização, incluindo uma síntese sobre a história geo-ambiental do país, as etapas da irrigação artificial, a vida no vale do Nilo, a aproximação